

Alianças Cosmopolíticas: agenciamentos diplomáticos entre os campos da arte e da ciência

*Cosmopolitical Alliances: diplomatic arrangements
between the fields of art and science*

Fernanda de Souza Oliveira (IA-Unicamp)

Cesar Baio (IA-Unicamp)

Resumo: Este texto tem por objetivo apresentar uma investigação sobre as possíveis contribuições dos artistas visuais para os campos da ciência e da tecnologia a partir do relato de experiência de uma artista inserida em um laboratório de microbiologia amazônico. A discussão levantada se apoia na proposição cosmopolítica de Isabelle Stengers, para pensar as complexas relações que envolvem a troca de conhecimento de áreas aparentemente divergentes – como a arte e a ciência. Tomam-se como base para esse estudo os conceitos operatórios das poéticas visuais e dos processos de criação como potência estética que permite construir alianças cosmopolíticas, que são articuladas para expandir as fronteiras disciplinares na produção de conhecimento e se utilizam das cosmopolíticas amazônicas para reconfigurar as fronteiras entre arte, ciência, tecnologia e imagem.

Palavras-chave: arte; ciência; tecnologia; imagem; poéticas visuais; cosmopolítica.

Abstract: *This text aims to present research on the possible contributions of visual artists to the fields of science and technology based on the experience of an artist working in an Amazonian microbiology laboratory. The discussion raised is based on Isabelle Stengers' cosmopolitical proposition, to think about the complex relationships that involve the exchange of knowledge in seemingly divergent areas—such as art and science. This study is based on the operational concepts of visual poetics and creative processes as an aesthetic power that allows for the construction of cosmopolitical alliances, which are articulated to expand disciplinary boundaries in the production of knowledge and use Amazonian cosmopolitics to reconfigure the boundaries between art, science, technology, and image.*

Keywords: art; science; technology; image; visual poetics; cosmopolitics.

Ao se tratar de processos criativos de artistas, é necessário adentrar diversas camadas do fazer íntimo de sua produção poética. Este é o pensamento que dita o tom deste artigo, onde o texto é construído como um exercício prático do fazer de uma artista pesquisadora. Aqui serão apresentados relatos do meu processo como uma estratégia metodológica de construção de um trabalho de criação, em busca de identificar as diversas camadas construtivas que levam uma artista a criar. Para tanto, serão apontados alguns caminhos iniciais de uma pesquisa em desenvolvimento, identificando os trajetos que a pesquisa pode ou não tomar ao longo da construção de um trabalho de curadoria e criação de um espaço multimídia dentro de um laboratório de microbiologia do Centro de Bionegócios da Amazônia (CBA). Mas como todo processo, é preciso começar de algum lugar. E esse texto é o começo da documentação de meu processo. A intenção aqui é registrar através das palavras um caminho de identificação do meu próprio fazer. Refletir, a partir de uma investigação de meu próprio processo, sobre quais caminhos seguir em minha pesquisa atual, que vem sendo desenvolvida no âmbito do doutorado na Unicamp, desde 2024, sob a orientação do Prof. Dr. Cesar Baio.

Esta escrita pode parecer extremamente pessoal, mas que processo de artista que não é? Adentrar o processo de um artista é explorar uma cartografia íntima do seu espaço de criação (Cirillo, 2010), acessar os processos de criação de um artista é olhar para parte da operação constitutiva de uma obra, onde é possível encontrar as materialidades da mente criadora, que nem sempre é transpassada de forma visível para o objeto artístico. Como diz o artista e pesquisador José Cirillo em seu texto *Geografia íntima: um estudo dos documentos e arquivos nas artes visuais* “os documentos e arquivos do processo de criação trazem em si evidências da interação da mente criadora: consigo mesma, com a matéria de sua construção, com o ambiente e com o público, revelando uma cartografia íntima desse espaço que é a criação nas Artes” (Cirillo, 2010, p.11).

São diversos os autores que vêm investigando os processos de criação em Artes, como Cecilia Almeida Salles, Sandra Rey, Edson Pfützenreuter, Lais Guaraldo, o próprio Cirillo e outros, e o que se destaca em suas conclusões é que um modo possível para realizar a materialização de um pensamento em processo é olhar para os documentos reunidos ao longo do percurso do projeto. Para desmembrar um processo e adentrar as camadas de criação de um artista, é preciso revisitar as anotações, registros, esboços, textos inacabados, imagens e tantos outros vestígios que se acumulam durante um ato de criação,

Mas ao olhar para o processo de feitura de uma obra, é importante se atentar para que o que se busca não se trata apenas da biografia do artista, sua vida, sua técnica ou o período ao qual pertence; esse é um trabalho para historiadores. No campo da criação, o interesse está em encontrar as motivações que levam um artista a criar e os complexos processos que são tecidos ao decorrer de um projeto artístico, finalizado ou não, mas que materializam os processos artísticos

de artistas em estado de pesquisa; O objetivo ao se investigar o processo de criação artístico é, em outras palavras, entender os entrelaçamentos entre o fazer e o pensar de uma artista, e a documentação do processo registra o que existe nesse entre do percurso.

Investigar o processo de criação de uma artista é estudar seus métodos e parâmetros de pesquisa, pois, como diz Arlindo Machado, pesquisador das mídias e tecnologias, em seu texto *A pesquisa em arte em três atos*, “não existe arte sem pesquisa” (Machado, 2010, p.47). O autor afirma que todo o processo de produção artística é atravessado por um processo de pesquisa, seja ele acadêmico ou não, nas palavras de Machado:

Nenhuma obra fundamental da história da arte foi produzida senão depois de um intenso trabalho de investigação, seja sobre questões técnicas ou tecnológicas (tintas, telas, camera obscura, linguagem Java, ou C++, ou Visual Basic), seja sobre questões mais propriamente estéticas (figurativismo, anamorfoses, abstração), seja ainda sobre o próprio tema da obra. (Machado, 2010, p.47)

Mas é preciso ficar alerta para as confusões que uma pesquisa em arte pode gerar. A artista visual, curadora e pesquisadora Sandra Rey, ao propor uma metodologia para artistas em seu texto *Por uma Abordagem Metodológica da Pesquisa em Artes Visuais*, deixa claro que alguns equívocos podem surgir quando o espectador encara um trabalho de arte, pois ele pode não identificar as complexidades que envolvem todo o percurso do processo de criação (Rey, 2002, p. 125).

Contra esse perigo, e para ir contra uma errônea interpretação de que faltam critérios no processo de produção artística, Rey designa três dimensões presentes no processo de criação de uma obra a serem observadas: i) a dimensão da abstração que está no nível do pensamento do artista; ii) a dimensão da prática que se concretiza no fazer experimental; iii) a delimitação do campo de interesse que envolve os fenômenos que impulsionam a criação. Em suas palavras:

Podemos identificar, na instauração da obra, três dimensões que se enlaçam de forma, às vezes mais, às vezes menos perceptível. Uma primeira dimensão, abstrata, processa-se no nível do pensamento e revela-se na forma de idéias, de esboços, muitas vezes sem grandes intenções, em algumas anotações improvisadas ou em projetos mais elaborados, que poderão, ou não, se concretizar em obras. Num segundo plano, temos a dimensão da prática feita de procedimentos, manipulações técnicas ou operacionais, reações de materiais ou substâncias, assim como o estabelecimento de interfaces com os mais avançados processos tecnológicos. E, num terceiro nível- como tudo o que se cria não surge do nada, mas é uma resposta mais ou menos qualificada a um certo estímulo -, a obra em processo conecta-se com tudo o que diz respeito ao conhecimento. (Rey, 2002, p.126)

Pensando em tal identificação, para seguir com a escrita desse artigo, vou me ater na direção da primeira dimensão apontada por Rey, onde a intenção e o pensamento do artista se revelam sem muitas clarezas e definições, mas aparecem em alguns esboços e escritos que externalizam sua ideia, que não necessariamente será concretizada em um trabalho artístico. Para tanto, farei a seguir um breve relato e reunião de meus pensamentos, inquietações e desejos, como um exercício de registro do meu percurso criador.

Deslocamentos e percurso – atravessamentos cosmopolíticos

Como artista sempre estive aberta a escutar, viver, aprender. Por isso estou em Manaus e escrevo daqui. Da minha janela vejo prédios e grafites, tal qual via em São Paulo, minha cidade de origem. Mas aqui os grafites são murais de arte indígena. Ao olhar pela minha janela, diariamente me deparo com a representação da criação do mundo na cosmologia dos Tukanos - indígenas do Alto Rio Negro. O mural leva o título *Humûhô Hêhûm Yepá na Tuonhaque* (Usé), ou traduzido para o português “O avô do mundo e Yepá pensaram como criar o universo”, que foi criado pela artista Duhigó Tukano (@duhigotukano) na fachada do Edifício Mônaco. Ao seu lado (no ponto de vista de minha janela) se destaca a presença da arte *Kené*, que se caracteriza pela presença de linhas e padrões geométricos, com o mural *Cosmos y Energia Amazônica*, que estampa a fachada do edifício Rio Madeira. Obra produzida pela artista, tecelã, muralista e uma importante liderança indígena Olinda Silvano, do povo Shipibo-Konibo (Lima, Peru). Dada a convivência diária com tais produções, torna-se impossível não ser afetada e constantemente provocada a deslocar o olhar e o pensamento para outras cosmologias.

Esses atravessamentos começaram anos atrás, com uma visita que marcava a certeza de minha mudança para a cidade, no ano de 2023. Nesse período estava acontecendo a primeira edição do festival CURA - Circuito Urbano de Arte na Amazônia (@cura.art) – festival que nasceu em Belo Horizonte (MG) e que realizava sua primeira edição em Manaus – e que criou, ao longo de duas edições, uma galeria de arte pública indígena ao redor do Largo São Sebastião. Esse festival foi um movimento idealizado para incentivar a arte urbana local e exaltar a presença ancestral dos povos da floresta na área urbana da cidade.

Durante o festival, uma outra ação que merece destaque foi a instalação das serpentes do artista roraimense Jaider Esbel, da etnia Makuxi, que cercavam as opostas pilastras do Teatro Amazonas, um dos principais pontos turísticos de Manaus. A obra em questão, que foi nomeada como *Entidades* (2020), é formada por duas grandes serpentes infláveis de 17 metros de comprimento por 1,5 metros de diâmetro cada uma, e segundo o artista é uma representação poética da ‘cobra grande’, figura presente na cosmovisão da etnia Makuxi que representa a grande avó universal.



Figura 1. Registros dos murais de arte indígena de Duhigó Tukano (esquerda) e Olinda Silvano (direita), observados da janela da autora, 2025. Imagem: Fernanda Oliveira. Fonte: Arquivo pessoal.

Essa intervenção urbana de Esbell foi exposta no território amazônico pela primeira vez durante o festival em 2023, depois de três anos de sua criação que a região Norte, região de origem do artista, recebia essa sua obra tão icônica. Uma imagem marcante, um retrato paradoxal da divisão que moldou esse território, onde a presença indígena existe e se firma por maiores que sejam os apagamentos impostos às diversas etnias. Ao mesmo tempo que reafirma a dificuldade da ocupação e incentivos locais para o cenário artístico, que teve a obra de um artista amazônida exposta em Belo Horizonte e São Paulo, antes de ocupar o território cosmológico que inspirou sua concepção. Com essa obra contornando as estruturas do teatro, se construía uma imagem de resistência de um dos artistas que deixou seu legado para o movimento da arte e do ativismo indígena brasileiro.

Ainda durante o festival, na fachada do prédio em que estava hospedada e que seria minha casa nos anos seguintes, vi nascer um dos primeiros murais



Figura 2; Registro da obra "Entidades" (2020) de Jaider Esbell instalada no Teatro Amazonas durante o festival CURA, 2023. Imagem: Fernanda Oliveira. Fonte: Arquivo pessoal.

que compõem hoje esse mirante, a obra *Piracema* (2023) de Denilson Baniwa. Este mural, que cobre a fachada do Edifício Cidade de Manaus, que tem 48m de altura e 396m² de área, é composto pela imagem de peixes que direcionam seu movimento para o alto, como se estivessem subindo a fachada do prédio, segundo Baniwa, esta "piracema" é a representação da resistência dos povos indígenas. Em suas palavras: "o mural é a nossa piracema. É a nossa subida do rio, nosso seguir em frente. A gente tá nessa eterna subida de rio pra não morrer. Pra não morrer com uma hidrelétrica, ou contaminado com mercúrio ou soterrado pelo assoreamento" (Baniwa, 2023, n.p.).

Com o interesse desperto para essas novas cosmologias, introduzidas por meu contato com as criações visuais citadas acima, no ano seguinte (2024/1) cursei como aluna especial a disciplina *Etnologia Indígena* no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas, ministrada em conjunto pelos professores Carlos M. Dias Jr., João Paulo R. Barreto e Justino Sarmiento Rezende. Esta vivência me colocou em contato direto com diversidade étnica que existe se tratando do território Amazônico, a composição do corpo de professores que contou com João Paulo da etnia Yepamahsã (Tukano) e Justino Sarmiento Rezende da etnia Utãpinopona (Tuyuka) me mostrou um importante avanço prático no ambiente universitário para expandir o saber da ciência ocidental para outras cosmologias.



Figura 3. Registro da obra "Pirecema" (2023) de Denilson Baniwa na fachada do Edifício Cidade de Manaus, 2023. Imagem: Fernanda Oliveira. Fonte: Arquivo pessoal.

Essa experiência se tornou fundamental para seguir com o meu processo de pesquisa, a partir dela abro uma frente teórica para trabalhar com as cosmopolíticas amazônicas para operar com imagens e dados, através da arte. Dedico-me a partir de então a tensionar o debate científico-tecnológico com outros modos de ver e fazer. Nesta parte retomo Cirillo que diz que "o espaço da criação é a mediação entre lembrança e imaginação; aquilo que é construído pela mente criadora da artista é feito tendo a lembrança do vivido como fonte geradora, como matéria edificante do seu percurso" (Cirillo, 2010, p.18), foi tal percurso que busquei documentar neste trecho. Pois é a partir desses deslocamentos teóricos e práticos que identifico uma abertura em meu processo de pesquisa, que envolve investigar as cosmopolíticas amazônicas como método desviante para reativar cosmologias não hegemônicas, não ocidentais e não antropocêntricas ao trabalhar com imagens e suas materialidades, essas que conduzem minha produção artística.

Cosmopolíticas visuais – a questão da imagem

O artista e pesquisador brasileiro Cesar Baio, no artigo “Da ilusão especular à performatividade das imagens” publicado em 2022 pela Revista de Cultura Audiovisual *Significações*, nos apresenta seu pensamento sobre a necessidade de uma revisão na ontologia clássica das imagens. Baio retoma em seu artigo o pensamento crítico de Arlindo Machado com o objetivo de levantar a discussão sobre outras maneiras de pensar as imagens técnicas; e propõe, para isso, considerar a existência de uma pluriontologia das imagens a partir das materialidades de seus processos de produção e circulação.

Baio aponta para a importância de entender, na concepção das teorias das imagens técnicas, a complexa relação do que ele chama de mundo tripartido, um mundo dividido entre natureza, homem e técnica. Baio acredita que o resultado de tal segregação (natureza-humano-técnica) nos trouxe aos momentos de crises, que, nos últimos anos, têm levado a questionar e rever discursos antropocêntricos e hegemônicos. Esse modo de conceber o mundo é problemático, pois é fundamentado numa ontologia hegemônica que, ao se distanciar da natureza, posicionou o ser humano como representante central do mundo, que, através de mediações técnicas, tem o poder de narrar a história. O líder indígena, filósofo e escritor Ailton Krenak, em uma de suas falas transcritas e publicada, expõe as insuficiências presentes nesse modo de narrar e interpretar a história, ele questiona: “Mas quem são os humanos que querem imprimir no mundo a sua imagem e semelhança? Que humanos são esses e que exclusividade é essa de querer imprimir no planeta a sua própria imagem?” (Krenak, 2019, p. 99).

O contato com esse questionamento revela um embate que vai além dos aspectos representacionais e comunicacionais das imagens, percebe-se que a imagem é um espaço de disputa, é uma questão política. O que Krenak alerta é que essa imagem do humano não é universal, em sua construção sempre foram excluídos os diferentes, “o ‘humano’ supostamente universal sempre foi o homem branco, ocidental, moderno, saudável e heterossexual”¹ (Colebrook, 2016, p. 91, tradução nossa).

Diante deste contexto, em que a construção de nossos modos de ver foi consolidada com bases no excepcionalismo humano - onde o homem é o representante do mundo e as imagens são suas representações - o objetivo que pretendo avançar neste artigo se molda na investigação das operações de poder atribuído às imagens dentro de suas políticas de visibilidade. A filósofa Marie José Mondzain aponta que as imagens operam obrigatoriamente em três campos de disputa de poder. Elas articulam o visível, o invisível e o olhar que os coloca em relação; são modos de operar, são técnicas “essa negociação ininterrupta dos

1 Do original: “The supposedly universal ‘human’ was always white, Western, modern, able-bodied and heterosexual man; the ‘subject’ who is nothing other than a capacity for self-differentiation and self-constitution is the self of market capitalism”.

olhares entre o que está presente e o que está ausente. [...] isso toca a totalidade das trocas humanas e vai, efetivamente, do comércio e circulação de signos até o comércio das coisas e a circulação das mercadorias” (Mondzain, 2016, p. 183). Pode-se dizer, assim, que a questão da visualização envolve uma complexidade de operações simbólicas, muito além da ação do contato do olho de quem é dotado de visão com um objeto. Essa é uma das grandes problemáticas dos dias atuais, pois se no excepcionalismo humano o homem é o representante do mundo, as imagens são suas representações, e o poder atribuído a elas é maior do que sua ontologia clássica deixa visível. Nas palavras de Baio:

A ontologia hegemônica da imagem técnica responde a um projeto de poder dominante constituído ao longo dos últimos séculos e que tem colonizado sensibilidades, relações sociais, práticas culturais, posicionamentos políticos e fluxos econômicos que ocorrem no entorno da imagem. Fundado na ideia de excepcionalismo humano, tal projeto posiciona o sujeito em um lugar privilegiado do espaço de representação e do mundo. (Baio, 2022, p. 99)

Como vimos, tais concepções de consolidações antropocêntricas do humano e das imagens estão no cerne do sistema do poder global capitalista contemporâneo. Assume-se, assim, o visível como uma operação complexa construída no trânsito entre o que se mostra, quem mostra, como mostra, por que mostra e como todas essas ações direcionam nosso modo de se relacionar com as imagens e com o mundo. Em outras palavras, a ação de tornar algo visível, independentemente de sua mídia, é desde os primórdios humanos uma questão de escolhas, definições e apagamentos, é uma questão política.

Tal definição me indica uma direção para construir meu pensamento sobre uma múltipla materialidade das imagens e suas visualizações, que, a meu ver, são constituídas de operações que se concretizam no trânsito de invisibilidades e visibilidades. Por este ponto de vista, arrisco uma abertura de diálogo com os saberes amazônicos através da antropóloga e professora Elsje Lagrou, que apresenta a cosmovisão da cultura Kaxinawa em uma leitura que aproxima o xamanismo e a arte. Lagrou observa que para os Kaxinawa “o desenho é um índice, ele orienta a percepção, mas ele não imita a realidade. É um instrumento que facilita a passagem da percepção do que é visível para o que é invisível” (Lagrou, 2015, n.p.).

Para avançar com tal construção de pensamento, opto por seguir pela perspectiva da filósofa e historiadora Isabelle Stengers que propõe pensar o mundo pelo viés de uma cosmopolítica, “dos modos possíveis de coexistência não hierárquica em um conjunto de invenções de não equivalência, entre os valores e as obrigações divergentes através dos quais se afirmam as existências emaranhadas que o compõem” (Stengers apud Severo; Buzato, 2023, p. 16), considerando “que toda política diz respeito a mais que um grupo, mais de um povo ou espécie, ainda que se denegue nela a participação passiva e/ou ativa

desses outros” (Coutinho, 2020, p. 147). O objetivo, então, é construir uma reflexão sobre as necessidades de revisão das operações que constituem uma imagem e os atravessamentos cosmopolíticos das localidades de sua circulação como espaço de disputa. Um projeto guiado pela proposição cosmopolítica de Stengers, de inscrever o cosmo na política. Como explicita o antropólogo Renato Sztutman, que realiza uma leitura do livro “A queda do Céu” - em seu texto “Um acontecimento cosmopolítico: O manifesto de Kopenawa e a proposta de Stengers” - como um manifesto cosmopolítico, é a partir de tal proposição que é possível uma revisão a qual “tanto a ciência como a política são tomadas a partir de uma imagem de experimentação: como num laboratório, estamos diante sempre de uma arte de compor mundos” (Sztutman, 2019, p. 86).

Proponho, assim, investigar a imagem dentro de suas políticas de visibilidades expandindo para os contextos amazônicos, apoiada pela reflexão da professora e antropóloga Deise Lucy Montardo que, ao tratar do compartilhamento de saberes indígenas, afirma que a escolha de guardar ou mostrar aspectos de suas culturas é em si um ato político (Montardo, 2020, p. 23), e intenciono seguir explorando os aspectos presentes nas cosmopolíticas das visualizações. Cosmopolíticas que envolvem poder e trânsito, um pensamento que se aproxima da provocação da revista “ClimaCom” dentro do dossiê “Cosmopolíticas da imagem” que evidencia e debate o poder da imagem de articular mundos.

Longe de ser correlato ou constatação do mundo, ela tem que se tornar possibilidade de mundos por vir. Ela tem que se tornar nossa aliada na criação de novos e impensados modos de estar junto. Como realidade em si mesma, temos que libertá-la de nossa triste vontade antropocêntrica e deixar que sua potência cosmopolítica aflore. Ela nada deve representar, e sim ser o portal que traz à presença, apreensões de mundos em constante formação. (...) Por força de hábito falamos de “imagem”, mas a imagem é o que sempre está por vir. Operamos visualidades, sonoridades e o encontro ou desencontro entre estas, para que a imagem não seja o já dado, mas o que se faz e desfaz, o que se dobra e desdobra incessantemente. (Wiedemann; Dias, 2017, p. 6)

Mas essa problemática política das visibilidades ganha outro sentido ao se tratar da evolução tecnológica digital e da inteligência artificial, que nos introduziu em um cenário de sobrecarga informacional e gerenciamento de dados. Em um tempo sem precedentes de compartilhamento de dados e informações digitais, as imagens passam a operar em outro espaço e contexto comunicacional, no qual podemos compreender que as imagens operam como dados. Com a tecnologia digital as imagens passam a operar como dados não apenas nos aspectos de análises ou significados que ganham em suas operações de visualidades, mas os dados operam hoje em suas materialidades constituintes. As imagens digitais são resultado de processos algorítmicos ditados por dados, que ao mesmo tempo que alimentam modelos computacionais são alimentados

e criados pelos mesmos; as imagens nesse contexto são simultaneamente operadoras e operações (Oliveira, 2023, p. 34).

Esse modo de operar da imagem como dado não é novidade nas atividades científicas e analíticas, nos campos da antropologia, jornalismo, história, botânica e medicina; as imagens sempre se fizeram presentes como dados importantes para a análise e documentação como afirma a antropóloga visual Sylvia Caiuby Novaes, “a imagem é um campo fértil não só como dado a ser analisado, mas igualmente como forma de apresentação de dados de pesquisa” (Novaes, 2004, n.p.). Nesse contexto o olhar pode ser entendido como a ação de interpretar, reconhecer, colocar em trânsito, onde nós só “concebemos o mundo, o espaço, o tempo, a pessoa, a própria noção de imagem, através de valores que guiam o nosso olhar, nossa percepção e nossa representação, que não são, portanto, atividades universais ou naturais” (Novaes, 2020, p. 24).

Processos artísticos – Alianças Cosmopolíticas

O que busco com este estudo, que apresento brevemente neste texto, é imaginar modos possíveis de desviar da lógica imposta pela Ciência e seus modelos técnicos de operacionalizar e objetificar o mundo. Nesse sentido, a metodologia é a própria atuação artística: uma pesquisa experimental e processual, multidisciplinar em arte, ciência e tecnologia, de modo a traduzir, mediar e dar a ver a reunião de dados coletados durante um trabalho que vem sendo desenvolvido a partir de minha experiência junto a um laboratório de microbiologia do Centro de Bionegócios da Amazônia (CBA).

O processo de trabalho, de curadoria técnico-artística, faz parte do escopo de atividades de divulgação científica do projeto de reestruturação e preservação do acervo científico de microrganismos do centro, financiado com recursos do edital MCTI/FINEP/FNDCT/IDENTIDADE BRASIL - RECUPERAÇÃO E PRESERVAÇÃO DE ACERVOS 2024. Como artista, me insiro neste projeto com o propósito de investigar a potência da parceria entre cientistas e artistas e o que pode ser construído quando juntamos dois campos de criação – aparentemente divergentes, como a arte e a ciência – em um espaço compartilhado.

O CBA é um centro de pesquisa que apresenta uma infraestrutura que abrange laboratórios, unidades de apoio e inovação tecnológica em uma área construída de 12 mil metros quadrados em Manaus-AM. Este centro tem por objetivo criar alternativas econômicas mediante a inovação tecnológica para o melhor aproveitamento econômico e social da biodiversidade amazônica de forma sustentável. Atualmente o CBA tem investido em algumas frentes de trabalho de comunicação e arte para aproximar a comunidade não científica das pesquisas que são desenvolvidas lá, entendendo a importância da participação pública, da cidade e da sociedade para o desenvolvimento de inovações sustentáveis; e para expandir as possibilidades de impacto e transformação social que a arte e a ciência podem construir juntas.

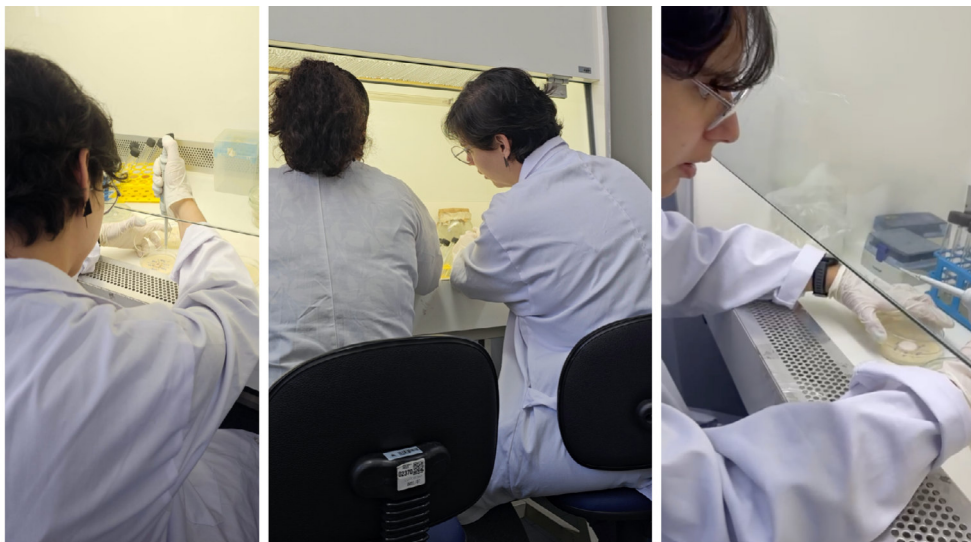


Figura 4. Registros de treinamento para a realização de experimentos com bactérias, acompanhada por pesquisadores do Centro de Bionegócios da Amazônia no laboratório do núcleo de bioinsumos do CBA. Fonte: Arquivo pessoal.

O exercício de pensar com cientistas em um espaço multimidiático dentro de um laboratório é um modo de expandir as possibilidades de criação. Inspira-se, para tanto, na etnografia de um laboratório construída pelo filósofo, antropólogo e sociólogo Bruno Latour, a partir de sua vivência de dois anos (1975-1977) frequentando um laboratório de neuroendocrinologia. Essa experiência deu origem ao livro *A Vida de Laboratório: a produção dos fatos científicos* (1979) que foi escrito junto ao sociólogo Steve Woolgar e apresentou uma reflexão, através de um estudo antropológico, sobre as interações sociais do trabalho científico no dia a dia de um laboratório. Adotando essa referência, de Latour e Woolgar consigo identificar um paralelo com a experiência que estou vivendo junto ao CBA.

Mas, diferente do método etnográfico, caro ao campo da antropologia, os procedimentos que conduzem a experiência aqui apresentada têm como base conceitos operatórios das poéticas visuais e dos processos de criação. Esta escolha se justifica pela diferença nos modos de imersão de cada área, o procedimento etnográfico costuma focar na observação e descrição pelo olhar do pesquisador em campo, já o artista, para além de observar, se insere nos ambientes para absorver novos saberes através das práticas, em busca de transformar e ser transformado, num processo contínuo de sensibilização mútua. E é com esse objetivo que me insiro nesse espaço.

Considerações finais

O meu interesse ao longo deste texto se alinhou ao movimento de especular sobre os conhecimentos em diferentes sociedades e suas cosmopolíticas “na qual a música, o canto e a dança, essas linguagens, os desenhos, são linguagens de uma política com os outros seres” (Montardo, 2020, p. 23). O propósito deste artigo foi construir uma reflexão em torno da complexidade por trás do processo de criação de imagens, apresentando possíveis caminhos e estratégias identificadas em torno do percurso de pesquisa em arte.

Para tanto, exercitei o mapeamento das questões cosmopolíticas que envolvem o deslocamento no processo de pesquisa e criação, a partir do caminho percorrido de uma artista pesquisadora para encontrar o eixo condutor de sua pesquisa poética, com o relato dos atravessamentos que foram experienciados em sua mudança para a cidade de Manaus. Deslocamento que consolidou a emergência de rever os cânones do pensamento antropocêntrico no campo da arte e a necessidade de investigar diferentes cosmologias que desafiam a epistemologia ocidental em relação às operações visuais.

Por fim, notou-se a importância do percurso descrito nesse texto como um registro do processo de produção artística, um caminho que foi essencial para desenvolver minha própria investigação sobre os diferentes modos em que as imagens e suas materialidades operam. O objetivo final, que não alcançarei com esse texto, é avançar com minha pesquisa para a dimensão da prática (Rey) ou terceiro ato (Machado), tomando a força própria da arte como caminho para minha produção poética. Tal qual uma artista no seu processo de pesquisa.

Referências

BAIO, Cesar. **Máquinas de imagem**: arte, tecnologia e pós-virtualidade. São Paulo: Annablume, 2015.

BAIO, Cesar. Imaginários pós-antropocêntricos: reconfigurações das relações entre arte, natureza e tecnologia. *In*: Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 29., 2020, Goiânia. **Anais eletrônicos** [...]. Goiânia: Anpap: UFG, 2020.

BAIO, Cesar. Da ilusão especular à performatividade das imagens. **Significação**: Revista de Cultura Audiovisual, São Paulo, v. 49, n. 57, p. 80-102, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.2022.183203>. Acesso em: 11 maio 2023.

BANIWA, Denilson. Piracema. 17 ago 2023. *In*: CURA - Circuito Urbano de Arte na Amazônia, Festival. 2023. Instagram: **@cura.art**. Disponível em: <https://www.>

instagram.com/p/CwD4LWvRaRb/?img_index=1. Acesso em: 08 jun. 2025.

CIRILLO, José. Geografia íntima: um estudo dos documentos e arquivos nas artes visuais. **Letras de Hoje**, [S. l.], v. 45, n. 4, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/8547>. Acesso em: 9 jan. 2025.

COLEBROOK, Claire. What is the Anthro-Political? *In*: COHEN, Tom; COLEBROOK, Claire; MILLER, J. Hillis. **Twilight of the Anthropocene Idols**. London: Open Humanities Press, 2016. cap. 2.

CURA - Circuito Urbano de Arte na Amazônia, Festival. Instagram: **@cura.art**. Disponível em: <https://www.instagram.com/cura.art/>. Acesso em: 08 jun. 2025.

KRENAK, Ailton. Que humanos são esses?: que exclusividade é essa de querer imprimir no planeta a sua própria imagem? *In*: DIAS, Susana Oliveira; WIEDEMANN, Sebastian; AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues (org.). **Conexões: Deleuze e cosmopolíticas e ecologias radicais e nova terra e...** Campinas: ALB: ClimaCom, 2019.

LAGROU, Els. Entre xamãs e artistas: entrevista com Els Lagrou. **Usina: Revista Digital**, n. 20, 2015. Disponível em: <https://revistausina.com/2015/07/15/entrevista-com-els-lagrou/>. Acesso em: 05 out. 2023.

MACHADO, Arlindo. Pesquisa em arte em três atos. *In*: **Diálogos transdisciplinares: arte e pesquisa** / Gilberto Prado, Monica Tavares e Priscila Arantes (organizadores) – São Paulo: ECA/USP, 2016.

MONDZAIN, Marie-José. Imagem, sujeito, poder. [Entrevista original concedida a Michaela Fiserova]. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. **outra travessia**, Florianópolis, n. 22, p. 175-192, 2016. Disponível em: periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8552.2016n22p175. Acesso em: 27 jun. 2021.

MONTARDO, Deise Lucy Oliveira. Entrevista com Deise Lucy Oliveira Montardo. [Entrevista concedida a]. CÂMPERA, Luiza Maria Fonseca; NETO, Agenor Cavalcanti de Vasconcelos; FARIAS, Marcos Alan Costa. **Wamon** - Revista dos alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFAM. Manaus: Edua, v.5 n.2, 2020, p. 17-26. Disponível em: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/wamon/article/view/8726/6362>

NOVAES, Sylvia Caiuby (org.). **Escrituras da imagem**. São Paulo, SP: EDUSP: FAPESP, 2004. p.21-48, il.

NOVAES, Sylvia Caiuby. Antropologia e imagem. *In: Interpretando a etnografia visual: imagens e a construção de significados antropológicos*. Organizador: Carlos Pérez Reyna. Teoria e Cultura: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Ciências Sociais. v. 15 n.3 Outubro - Dezembro 2020, Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2020, p.13 - 27.

OLIVEIRA, Fernanda de Souza. **Ruínas do visível**: das materialidades da imagem à visualização de dados. Fernanda de Souza Oliveira. – Campinas, SP : [s.n.], 2023. (Dissertação de mestrado em Artes. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2023). Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1343940>

REY, Silvia. Por uma Abordagem Metodológica da Pesquisa em Artes Visuais. *In: O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas / Blanca Brites e Elida Tessler (organizadores) - Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002. (Coleção Visualidade; 4.)*

SALLES, Cecilia Almeida. A fotografia no contexto da experimentação contemporânea. **Discursos Fotográficos**, [S. l.], v. 11, n. 19, p. 169–190, 2015. DOI: 10.5433/1984-7939.2015v11n19p169. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/20972>. Acesso em: 9 jan. 2025.

SEVERO, Cristine Gorski; BUZATO, Marcelo El Khouri. **Cosmopolítica e linguagem**. [livro eletrônico] 1. ed. Araraquara, SP: Letraria, 2023.

STENGERS, I. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [S. l.], n. 69, p. 442-464, 2018. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i69p442-464. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/145663>. Acesso em: 23 nov. 2023.

TSING, Anna L. **Viver em ruínas**: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília, DF: IEB Mil Folhas, 2019.

TSING, Anna L. **O cogumelo no fim do mundo**: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. Tradução: Jorge Menna Barreto e Yudi Rafael. São Paulo: N-1 Edições, 2022.

Fernanda de Souza Oliveira

Artista visual, pesquisadora e curadora no campo da arte, ciência e tecnologia.
Doutoranda em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Campinas.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4461525207053550>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4275-1139>.

Cesar Baio

Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e pós-doutor pela Plymouth University. É professor do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4518113351466592>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1174-3526>.